

— AN ASSASSIN'S CREED® SERIES —

LAST DESCENDANTS

O DESTINO
DOS DEUSES

MATTHEW J. KIRBY

Tradução
Ivanir Alves Calado

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2019

I

Sean tinha se acostumado com a violência, mas ainda não a apreciava como seu ancestral viking. Styrbjörn se deleitava com as visões, os sons e os cheiros da batalha: a sensação do despedaçar de um escudo sob o golpe de seu machado, Randgríð; de membros decepados pela espada Ingelrii; do grasnar dos corvos sobrevoando os cadáveres.

Na verdade, em seu íntimo, Styrbjörn estava contente pelo rei dinamarquês, Harald Dente Azul, ter rejeitado a oferta de paz. Isso significava que a batalha poderia finalmente começar. Ainda que Sean não estivesse ansioso por tomar parte na violência da memória, podia admitir a si mesmo o gosto pela força e pelo poder que sentia no corpo do ancestral.

A frota de Styrbjörn esperava no litoral da Jutland, em Aros, enquanto os navios dragão de Harald vinham a seu encontro. A fortaleza do rei dinamarquês jamais suportaria um ataque por terra das forças dos jomsvikings de Styrbjörn, e, sem dúvida, ele acreditava que sua frota maior poderia facilmente vencer uma batalha no mar. Também era possível que Harald suspeitasse de que Gyrid, sua mulher — e irmã de Styrbjörn — cometeria alguma traição caso não fosse mantida longe da batalha. Independentemente do motivo, Styrbjörn sorriu ao ver a aproximação dos navios.

Sean sentia gosto de sal no ar enquanto cormorões e pelicanos mergulhavam nas águas ensolaradas ao redor. A jornada até aquele momento demorara semanas no Animus, percorrendo anos da vida de Styrbjörn, buscando o momento quando seu ancestral finalmente obteria a adaga de Harald Dente Azul: o terceiro dente do Tridente do Éden, outrora desmembrado. No entanto, para encontrar o local onde ele se encontrava nos dias atuais, Sean ainda precisava descobrir o que Styrbjörn havia feito com a adaga antes de morrer.

A simulação está se sustentando muito bem, comentou Isaiiah no ouvido de Sean. Parece que outra batalha vai acontecer. Está preparado?

— Estou — respondeu Sean.

Isaiiah havia retirado Sean da instalação do Ninho da Águia dez dias antes, depois de o local ter sido descoberto. Sean ainda não recebera notícias de Grace, David ou Natalya, nem ficara sabendo o que havia acontecido com eles. Isaiiah lhe dissera que eles tinham se desgarrado e que Victoria os estava ajudando, talvez até trabalhando com a Irmandade dos Assassinos. Agora cabia a Sean encontrar o Pedaco do Éden antes que caísse em mãos erradas.

Sua força continua a me impressionar, disse Isaiiah.

— Obrigado, senhor.

O mundo tem uma dívida de gratidão para com você.

Sean sorriu em meio à correnteza da mente de Styrbjörn.

— Fico feliz em poder ajudar.

Sigamos em frente.

Sean voltou a atenção para a simulação, concentrando-se no movimento das tábuas do navio sob seus pés e nos gritos que lhe chegavam por cima da água, na direção de Styrbjörn, vindos dos navios de Harald. Virou-se para seus homens, seus temíveis jomsvikings. Tinha ordenado que duas dúzias de navios fossem amarrados juntos no coração da frota, criando uma fortaleza flutuante da qual seus homens poderiam disparar lanças e flechas. Os outros navios enfrentariam o inimigo em combate direto, abalroando, lançando arpéus e abordando. Styrbjörn planejava encontrar a embarcação de Harald de modo a atrair o rei dinamarquês para um combate mano a mano e encerrar a batalha depressa. Não faria bem à causa de Styrbjörn seus homens matarem os guerreiros que ele pretendia comandar.

— Estou contando pelo menos duzentos navios — disse Palnatoke a seu lado, endurecido e grisalho. Nos anos desde que Styrbjörn havia derrotado o chefe tribal e assumido a liderança dos jomsvikings, os dois tinham alcançado um relutante respeito mútuo. — Não, são mais de duzentos. Você tem certeza do que quer fazer?

— Tenho. Mas, se lhe servir de conforto, ontem à noite vários homens fizeram uma oferenda a Thor. Um deles disse que teve uma visão em que eu chegava ao litoral de meu país natal com Harald Dente Azul amarrado no mastro de meu navio, como um cachorro. — Styrbjörn tirou o manto de pele e, em seguida, soltou do cinto seu machado, Randgríð. — A frota de Harald será minha.

— Imagino se Dente Azul fez oferendas a seu Cristo Branco — resmungou Palnatoke.

Styrbjörn fez um gesto para a água, na direção dos navios que se aproximavam.

— Se tiver feito, isso o preocupa?

— Não. O Cristo não é um deus da guerra.

Styrbjörn fungou.

— Então para que ele serve?

— A que deus você faz oferendas?

Styrbjörn olhou para seu machado.

— Não preciso de nenhum deus.

As batidas dos tambores de Harald Dente Azul ficaram mais altas, o ritmo pelo qual seus navios avançavam pelas ondas, e Sean se deixou ser levado pela correnteza da fúria de Styrbjörn. Levantou seu machado e soltou um grito de batalha com a voz do ancestral, e os jomsvikings ecoaram seu terrível ímpeto de luta. Deu a ordem, e a frota avançou, as proas de dragão rasgando as ondas, os borrifos do mar salgando os lábios de Styrbjörn.

A distância entre seus navios e os de Harald diminuiu depressa, até que o inimigo estava ao alcance. Styrbjörn esperou até o momento exato e, então, deu a ordem. Os navios na vanguarda se desviaram para o lado, cortando as ondas, abrindo um corredor para a fortaleza no centro da frota de Styrbjörn, onde os arqueiros e lanceiros à espera dispararam seus projéteis. A chuva de flechas e lanças caiu intensa sobre os homens de Harald, provocando tumulto, quebrando o ritmo dos remadores e a direção dos navios. Algumas embarcações dinamarquesas colidiram umas contra as outras, sacudindo-se e atirando homens ao mar.

Styrbjörn conteve a satisfação e deu a segunda ordem. Os navios na vanguarda voltaram para a brecha sem alterar o ritmo e se chocaram a toda velocidade contra o inimigo desorganizado. As embarcações de Harald, ainda lutando para se recuperar da chuva de flechas e lanças, receberam o impacto nos costados, rachando escudos e emborcando alguns navios. Em instantes, o mar se agitava com a violência de uma tempestade de batalha, com os gritos de homens se afogando e da madeira se partindo.

Em meio ao caos, Styrbjörn procurou o estandarte de Harald no horizonte e, quando o encontrou, ordenou que a dianteira agisse. Dois navios de cada lado formaram uma cunha e partiram a linha inimiga, permitindo que seus remadores levassem seu navio para o meio das fileiras de Harald. Styrbjörn precisava alcançar o rei depressa, aproveitando os momentos de confusão restantes até que os dinamarqueses se reagrupassem e encontrassem um navio sveas no coração de sua frota.

Os jomsvikings atrás de Styrbjörn rasgavam as ondas em silêncio, sem cantos ou tambores, com a visão vermelha afiada. Styrbjörn segurou o machado com uma das mãos e apoiou a outra no dragão que era a figura de proa de seu navio, ficando a postos. Chegou mais perto do navio de Harald. Antes de alcançá-lo, no entanto, gritos de alarme soaram entre os dinamarqueses. Então, flechas e lanças caíram no navio de Styrbjörn. As pontas de ferro se cravaram em madeira e carne, e, apesar de alguns dos remadores terem sido atingidos, nenhum gritou, e os demais continuaram remando. Styrbjörn recuou para longe da proa, preparando-se.

Agora via Harald.

E, então, Harald o viu.

Mas um navio dinamarquês se colocou entre eles, protegendo o rei e bloqueando o caminho.

Incapaz de parar, o navio viking abalroou o novo inimigo, e a erupção de madeira e ondas jogou Styrbjörn no mar. Sean sentiu o gosto da água salgada, que ardeu nos pulmões. Engasgou e tossiu com a água preta e fria ao redor.

A simulação ficou turva.

Mantenha-se firme, disse Isaiah. *Você está bem. Sabemos que seu ancestral não se afogou.*

Certo. Sean mergulhou de volta na memória, deixando as águas o encobrirem, e nadou com Styrbjörn para a superfície. Sua armadura e as armas o arrastavam, puxando para baixo, mas ele conseguiu romper as ondas e se prender com a ponta curva de Randgríð à amurada de um navio que passava. Depois usou o machado para se içar do mar para o convés, onde rolou e se levantou, pesado com a água.

O navio de Harald ainda estava ao alcance, mas Styrbjörn precisaria atravessar o convés de duas embarcações dinamarquesas para chegar até ele. Seu escudo fora perdido na água, mas ainda tinha o machado. Tirou a adaga da bainha justo quando os dois primeiros dinamarqueses o atacaram.

Abaixou-se e aparou os golpes, desequilibrando os dois, e conseguiu acertar um deles nas costas com a adaga enquanto o sujeito passava cambaleando. Numa batalha diferente, num dia diferente, teria ficado para terminar o serviço, mas não havia tempo a perder. Correu pelo convés do navio, empurrando homens de lado com os ombros, bloqueando seus golpes e desviando, deixando Randgríð sentir gosto de sangue quando podia.

Assim que chegou à popa, cortou com a faca o homem no leme e saltou sobre vários metros de oceano até o convés do navio seguinte. Os dinamarqueses ali já estavam preparados para ele, e uma massa de guerreiros bloqueou seu caminho. Para além deles, o navio de Harald já havia começado a recuar. Styrbjörn embainhou as armas. Depois arrancou um pesado remo do tolete e, segurando-o atravessado diante do peito, partiu para cima dos inimigos, usando-o como um touro usa os chifres.

Chocou-se contra a linha de homens, firmou os calcanhares no convés e empurrou os inimigos. Alguns caíram no mar, e alguns tombaram e foram pisoteados por Styrbjörn e seus próprios companheiros. Os que conseguiram ficar de pé tentaram golpeá-lo com as armas, mas ele os

manteve recuando, e nenhum golpe o acertou. Suas costas, os braços e as pernas faziam força, o calor dos músculos transformando em vapor a água do mar nas roupas, até que ele havia empurrado a linha de inimigos, chegando à proa.

Dentro da força da memória de Styrbjörn, Sean percebeu como o feito vivenciado era quase inacreditável; se tivesse lido a respeito, iria descartá-lo tal qual uma lenda exagerada. Contudo, a força que experimentava no corpo do ancestral era muito verdadeira.

Agora Styrbjörn, na proa, via que o navio de Harald já havia se afastado mais do que conseguiria saltar. Mas ele não podia permitir a fuga do rei. A batalha precisaria terminar com a derrota de Harald diante de Styrbjörn, e não de qualquer outro modo.

Jogou o remo de lado e, antes de qualquer dinamarquês que derrubara conseguir se levantar, mergulhou na água. O frio o engoliu e as ondas o empurraram, as profundezas tentaram puxá-lo, mas ele atravessou a água na direção da embarcação de Harald, e logo flechas e lanças rasgavam a água ao redor. Antes que ele alcançasse o navio do rei, uma flecha se cravou funda na parte de trás de sua coxa.

Sean e Styrbjörn soltaram um rugido de dor, mas o viking continuou nadando. Instantes depois, ele apanhou Randgríð e o usou mais uma vez para subir ao navio.

Caiu com força no convés, exausto, encharcado e sangrando, mas, mesmo assim, se ergueu acima dos chocados dinamarqueses. Estes testemunharam, boquiabertos, quando Styrbjörn arrancou a flecha da perna e a jogou no mar; mas, logo que o choque do momento passou, dois o atacaram. Styrbjörn os derrubou antes de partir para Harald.

— Você não é homem nem rei! — berrou.

A intenção de tais palavras não poderia deixar de ser entendida. Harald, dois palmos mais baixo que Styrbjörn, encolheu-se e hesitou, cedendo terreno antes mesmo de o combate começar, e, naquele momento Styrbjörn soube que tinha vencido. Harald, porém, também precisava ficar sabendo. Assim como os dinamarqueses.

Styrbjörn não esperou que o oponente recuperasse o equilíbrio antes de atacar. O primeiro golpe de Randgríð rachou o escudo do rei, o segundo o despedaçou. Harald levantou a espada numa postura de defesa débil, mas seu braço não tinha força e o medo enchia seus olhos.

A gargalhada de Styrbjörn preencheu o navio.

— Você se rende?

— Eu me rendo! — disse Harald. Sua espada caiu com estardalhaço no convés. — Eu me rendo a você, Bjorn, filho de Olof.

Styrbjörn confirmou com a cabeça.

— Então dê o sinal antes que mais algum de seus dinamarqueses morra.

Harald o encarou por um momento antes de assentir para um de seus homens, que levantou uma enorme trombeta de chifre. Então, a ordem de rendição ressoou sobre as ondas, aumentou de volume e foi até os limites da frota. Vários minutos depois, o clamor da batalha havia cessado, com navios dos dinamarqueses e dos jomsvikings oscilando com as ondas.

— Não precisava ter chegado a esse ponto — disse Harald.

Styrbjörn soltou um suspiro pesado.

— Você preferiria que eu continuasse a saquear seus povoados?

— Poderíamos ter chegado a um acordo.

— Eu tentei. Minha irmã, sua mulher, tentou convencê-lo...

— Você pediu demais, Styrbjörn.

— Mas agora tenho tudo.

— Você quer minha coroa? É isso?

— Minha irmã já tem sua coroa. Vim pegar sua frota.

— Para atacar seu tio? Você levaria meus homens à Svealand?

— É — respondeu Styrbjörn. — E você irá com eles.

Sean sentiu a empolgação da vitória do ancestral, apesar da dor na coxa, mas também notou a adaga no cinto de Harald Dente Azul. Ela era estranhamente curva e, obviamente, não era uma arma comum, mas também ficava claro que Harald não tinha ideia do que era nem de

como usá-la. A adaga era todo o motivo para a simulação e, em algum momento, passaria para as mãos de Styrbjörn. Parte de Sean queria simplesmente estender a mão e pegar o Pedaco do Éden, mas isso faria com que se dessincronizasse da memória e fosse arrancado violentamente do Animus. Em vez disso precisava esperar, com o máximo de paciência possível, e deixar que a memória se desdobrasse como havia acontecido. Sean não poderia fazer nada para mudar o passado.

Mas o passado poderia mudar o presente. E o futuro.

Owen se recostou no parapeito de vidro do terceiro andar, acima do átrio aberto. As paredes de vidro do Ninho da Águia filtravam a luz verde-clara da floresta de montanha que engolfava a instalação. Griffin estava a seu lado, e juntos observaram os três Templários de terno escuro, dois homens e uma mulher, marchando pelo piso do hall em direção ao elevador, os passos ecoando no espaço abobadado.

— Quem são eles? — perguntou Owen ao Assassino.

— Não sei — respondeu Griffin. — Mas presumo que pelo menos um seja membro do salão interno sagrado.

— Salão interno sagrado?

— O corpo diretor dos Templários. — A postura de Griffin parecia tensa, e Owen sabia o que isso significava. Era o modo como o outro ficava antes do ataque, a lâmina oculta não mais oculta.

— Isso o incomoda, não é? — Owen apontou com a cabeça para os elevadores assim que um deles fez um barulho e os Templários entraram. — Simplesmente olhar para eles indo e vindo.

— Templários mataram meus amigos. Gente que eu considerava irmãos e irmãs. Então, sim, me incomoda. — Griffin flexionou uma das mãos, fechando-a e abrindo-a. — Não importa. A única coisa que importa é impedir Isaiah. Isso significa deixá-los ir e vir.

— Está preocupado com a hipótese de Victoria entregá-lo?

— Estou. Mas decidi confiar nela.

— O que será que os Templários fariam se soubessem que você está aqui?

— Quer dizer, o que eles *tentariam* fazer.

Owen deu de ombros.

— Isso, pode ser.

— Victoria tem tudo sob controle. E minha aliança é com ela, não com a Ordem.

— O que eles fariam com ela se descobrissem?

Na Mongólia, Victoria entendera a necessidade de se aliar a Griffin contra um inimigo comum. Agora que Isaiiah tinha duas das três adagas, os dentes do Tridente do Éden, ele já se tornara poderoso demais para que Assassinos ou Templários o impedissem por conta própria. Se encontrasse a terceira, seria todo-poderoso. Um conquistador e um rei-deus diferente de qualquer um que o mundo já vira, desde Alexandre, o Grande. A humanidade não tinha tempo para antigas rivalidades e políticas. Victoria e Griffin haviam mantido a aliança em segredo, escondendo-a de seus mestres, pois não podiam se arriscar a qualquer interferência no plano.

— Victoria já traiu a Ordem uma vez — lembrou Griffin. — Eles lhe perdoaram. Não creio que perdoariam uma segunda vez. Claro, se não impedirmos Isaiiah, nada disso importará.

— E depois de impedirmos Isaiiah?

— Pelo bem dela, espero que os Templários reconheçam que foi necessário.

— E você? O que a Irmandade fará com você?

— Comigo? — Griffin olhou para o teto do átrio, uma cúpula de vidro preenchida pelo céu azul e dois rastros de condensação de aviões cruzados. — Para mim, não há volta.

Owen hesitou.

— Nunca?

Griffin balançou a cabeça.

— Por quê?

Griffin não respondeu, e Owen franziu a testa. Era seu primeiro momento a sós com o Assassino desde que haviam deixado a Mongólia, e ainda tinha sérias dúvidas com relação à Irmandade.

— Na última vez que estive no Animus — começou Owen —, minha ancestral matou Möngke Khan. Depois disso, o exército mongol

recuou e nunca mais se recuperou. Ela literalmente mudou a história do mundo, sozinha, mas por causa de um ferimento no joelho a Irmandade simplesmente a abandonou. Até levaram a lâmina oculta que tinha pertencido a seu pai. — Owen ainda tremia um pouco com a dor e a confusão daquela lembrança. Sentia raiva com relação à frieza e ao cálculo implacável de deixar alguém para trás. — O mentor disse que ela não era mais “útil”.

— Ela *não era* mais útil. Seu joelho nunca mais seria o mesmo. Ela não poderia...

— E daí? Não é justo. Ela era uma heroína.

— Ninguém falou o contrário.

— Mas você quer dizer que a Irmandade faria a mesma coisa com você só por estar trabalhando com Victoria?

— Na última vez que um espião Templário se infiltrou na Irmandade, quase fomos apagados do mapa. Portanto, sim, estou dizendo que trabalhar com um Templário significa que minha vida como Assassino acabou. Não me arrependo da escolha que fiz, e não culpo mais ninguém por ela.

Owen achava difícil de acreditar.

— Quer dizer que você concorda com sua expulsão da Irmandade? A postura de Griffin se suavizou. Seus ombros relaxaram.

— Sim — respondeu.

— Mas isso não está certo. Não é justo...

— Ou talvez você seja só um garoto e não entenda — disse Griffin, com a voz áspera. — Para servir à humanidade e ao Credo, é preciso abandonar o que acha ser verdade. Precisa deixar de lado as ideias de justiça. Até as noções de certo e errado. Um dia talvez precise fazer coisas que não se imagina fazendo agora. Precisa perceber que, a qualquer momento, o que é melhor para o mundo pode não se encaixar muito bem em sua zona de conforto.

Owen olhou para longe, de volta ao piso do átrio.

— Não sei se quero fazer parte de algo assim.

— Ninguém está o obrigando.

Owen deu as costas para o átrio aberto e se encostou no parapeito. Não importava o que Griffin dissesse, era importante diferenciar o certo do errado. A justiça era importante. Precisava ser, caso contrário não importaria se o pai de Owen era culpado de roubar um banco e atirar num segurança ou não. Não importaria que ele tivesse morrido na prisão por um crime que não cometera. Owen não podia aceitar uma ideia dessas, porque essas coisas importavam mais para ele que qualquer outra.

— Isaiiah me mostrou uma lembrança no Animus — disse Owen.

— A memória de meu pai.

Griffin assentiu.

— Monroe me contou a respeito.

— Ele contou a você sobre o Assassino? A Irmandade forçou meu pai a roubar aquele banco, depois fez com que ele fosse culpado pelo assassinato.

— Ele contou que foi isso que Isaiiah mostrou a você.

— Você vai negar?

Griffin fez um gesto amplo com o braço.

— Olhe onde você está. Olhe o que Isaiiah fez. E precisa de mim para negar?

— Preciso. Se não é verdade, negue.

— E se eu não negar? E se eu me recusar, porque me ofende que você ao menos pense em acreditar na palavra de Isaiiah? O que você faria, então?

Owen afastou o olhar, com uma carranca, e os dois ficaram parados até que os três Templários de terno saíram de novo do elevador, atravessaram o piso do átrio e deixaram o Ninho da Águia.

— Quando nos conhecemos — começou Owen. — Você disse que meu pai não era um Assassino. Mas disse que ele poderia ter algum envolvimento. Você nunca explicou isso. Portanto, não. Não acredito na palavra de Isaiiah, mas também não acredito na sua.

Griffin suspirou.

— Olhe, o banco que seu pai roubou... desculpe, que ele foi acusado de roubar, era um banco de Malta. É um braço financeiro da Abstergo. É só isso que eu quis dizer. — Ele ficou quieto. — É melhor falarmos com Victoria.

Então, encaminharam-se ao elevador e subiram até o último andar, até o escritório que pertencera a Isaiah antes de sua deserção. O lugar fez com que Owen se lembrasse de uma capela, com fileiras de bancos e um grande altar similar a uma escrivaninha na frente. Os outros também foram, e Owen se sentou perto do melhor amigo, Javier. Ali perto, Natalya parecia exausta, com bolsas escuras sob os olhos e uma expressão um tanto vazia. Ela ainda se culpava pela morte da Assassina Yanmei, apesar de todo mundo dizer que não era sua culpa. A última simulação também fora difícil para Natalya: seu ancestral disparara a flecha que arruinara o joelho de Owen. Ou o joelho da ancestral. Às vezes era difícil manter as coisas separadas.

Grace e David estavam sentados do outro lado, perto de Monroe, e Victoria estava de pé na frente da sala, diante da mesa, segurando o tablet junto ao peito.

— Duvido de que iremos receber outra visita assim durante pelo menos uma semana — disse ela. — Talvez duas. Acho que é seguro retomar nosso trabalho a sério.

— O que eles disseram? — perguntou Monroe, inclinando-se, dedos entrelaçados.

— Estão concentrando a maior parte dos esforços táticos em encontrar Isaiah e já têm algumas pistas quanto a isso. No meio-tempo, querem que eu continue procurando a terceira parte do Tridente no Animus. Com todos vocês.

— Eles vão mandar mais agentes? — perguntou Griffin.

— Estão tentando manter a situação na surdina — respondeu ela. — Quanto menos Templários souberem que um dos nossos virou a casaca, melhor. Por enquanto o Ninho da Águia é nosso.

— E nossos pais? — perguntou Grace.

— Continuam sem saber o que aconteceu. Se eles quiserem visitá-los, como de costume, serão bem-vindos. — Victoria fechou os olhos e esfregou as têmporas com as pontas dos dedos. — O que me traz a uma coisa que devo dizer.

— O que é? — perguntou David.

— Não vou obrigá-los a continuar aqui. Depois do que aconteceu no Ninho e na Mongólia, não posso em sã consciência mantê-los contra a vontade. Se quiserem partir, pedirei a seus pais que venham buscá-los. Têm minha palavra de que a Abstergo e os Templários os deixarão em paz.

O silêncio que veio em seguida levou Owen a pensar se alguns dos outros sopesavam a oferta. E por que não o fariam? Suas vidas corriam perigo se ficassem. Mas o mesmo valia para o resto do mundo, agora que Isaiah tinha dois terços de uma arma de destruição em massa. Owen poderia ir embora do Ninho da Águia, poderia até ficar a salvo dos Templários, mas isso não significava que estaria seguro. Não significava que sua mãe e seus avós estariam seguros. O único modo de protegê-los seria impedir Isaiah, e para isso Owen precisava trabalhar com Victoria.

— Ainda estou dentro — decidiu ele.

— Eu também — completou Javier.

Grace e David se entreolharam, comunicando-se daquele modo sem palavras típico de irmãos. Desde a Mongólia alguma coisa havia mudado na rivalidade fraterna dos dois, e Owen notara que ambos pareciam mais afinados entre si.

— Estamos dentro — disse Grace.

Victoria assentiu.

— Assim só resta você, Natalya.

Natalya olhou para o chão por mais um momento, depois levantou a cabeça.

— Onde Sean está?

— Vídeos de segurança mostram que ele foi embora com Isaiiah — respondeu Victoria. — Presumo que esteja trabalhando com Isaiiah para localizar o terceiro Pedaco do Éden.

— Voluntariamente? — perguntou Javier.

— Não sei se essa palavra ainda pode ser usada — respondeu Monroe. — Principalmente quando Isaiiah tem dois dentes do Tridente.

— Vou ficar — disse Natalya, e todo mundo se virou para olhá-la.

— Vou ficar por Sean. Nós precisamos salvá-lo de Isaiiah.

— Entendo — disse Victoria.

— E se ele não quiser ser salvo? — perguntou David. — Ele já optou por ficar para trás uma vez.

— Precisamos dar essa chance a ele — disse Natalya.

— Concordo. — Victoria se afastou da mesa, na direção do grupo. — E, se quisermos ajudar Sean e impedir Isaiiah, não temos tempo a perder.

— Qual é o plano? — perguntou Griffin.

Victoria passou a mão em seu tablet, e um holograma apareceu acima da mesa. Mostrava as sequências de hélice dupla do DNA de todos eles, com trechos de concordância marcados, os lugares onde suas memórias genéticas se cruzavam e se sobrepunham. No início de tudo, tinha parecido uma coincidência quase impossível que Owen e os outros tivessem ancestrais presentes em tantos dos mesmos acontecimentos históricos. Contudo, a pesquisa de Monroe havia revelado que não existia nenhuma coincidência ou acaso naquilo.

Alguma coisa havia atado seus ancestrais à história do Tridente. A mesma influência, ou força, juntara os seis naquele momento no tempo. Monroe havia descoberto que cada um deles carregava no DNA um pedaco do inconsciente coletivo, as memórias e os mitos mais profundos e antigos da humanidade. Monroe nomeara esse fenômeno Evento de Ascendência, mas ainda não entendia o que o provocava nem o que significava.

— Acreditamos que Sean e Isaiiah têm uma pista na busca do terceiro pedaco do Tridente — disse Victoria. Em seguida, bateu na tela do

tablet e o holograma mudou para uma imagem da Terra, com uma área destacada que incluía a Suécia. — A última simulação de Sean aconteceu nas memórias de Styrbjörn, o Forte, um guerreiro viking que enfrentou o tio para se apossar do trono sueco no final do século X. Baseado em minha análise, alguns de vocês tinham ancestrais presentes naquela última batalha, no ano de 985.

— Alguns? — perguntou Owen.

— É — respondeu Victoria. — Javier, Grace e David.

— O quê!? — exclamou Grace. — Vikings? Sério mesmo?

— Isso é inesperado — comentou Javier, num tom seco.

— Talvez. — Victoria mudou a imagem de volta para o DNA. — Mas não deveria ser surpresa, realmente. Os vikings foram um dos povos que mais viajaram pelo mundo durante a Idade Média. Eles deixaram marcas do Oriente Médio ao Canadá.

— E nós? — Owen assentiu na direção de Natalya. — Não temos ancestrais lá?

— Não — respondeu Victoria.

Natalya suspirou, e Owen percebeu que ela estava, provavelmente, agradecida pela folga. Ele, não. Não gostava da ideia de ficar esperando fora do Animus. Queria voltar com os outros.

— Vocês dois podem me ajudar — disse Monroe. — Tenho muito mais trabalho a fazer.

— Tudo bem — concordou Natalya.

Owen confirmou com a cabeça. Pelo menos era alguma coisa. Além disso, se não pudesse estar no Animus tentando impedir Isaiah, talvez, pelo menos, pudesse usar aquele tempo para descobrir a verdade sobre o pai.

— A simulação viking está quase pronta — avisou Victoria. — David e Grace, vocês vão ficar em suas salas de costume no Animus. Javier pode usar uma de reserva. Por que não descemos todos e encontramos alguma coisa para comer antes de começar?

— Não estou com fome de verdade — confessou Javier.

— Então vá lá para baixo descansar. Essa simulação vai ser exaustiva.

Aquela orientação tinha um objetivo claro: Victoria queria discutir coisas com Monroe e Griffin a sós, e Owen não gostava disso. Significava que continuavam guardando segredos, e ele estava cansado de segredos. Mas aquela não parecia ser a hora certa para pressionar, por isso saiu da sala com os outros e seguiu com eles para o elevador.

— É estranho ver esse lugar tão vazio — comentou David. — Não sobra ninguém para fazer a comida.

— Deve haver alguns salgadinhos lá embaixo — sugeriu Grace.

Owen apertou o botão para chamar o elevador, e um instante depois a porta se abriu. Ele olhou para Natalya enquanto todos entravam, desejando ser capaz de fazê-la se sentir melhor. A jovem manteve a cabeça baixa durante a descida, depois ficou atrás de Grace e David, que caminharam com Javier na direção da ala do Animus, na instalação do Ninho da Águia.

Owen decidiu parar e esperar por ela.

— Você está bem?

— Estou indo.

— Verdade? Não parece que...

Ela parou e se virou para ele.

— Você está bem? — perguntou ela, e Owen sentiu uma fagulha de raiva na voz de Natalya. — Está? Com tudo que vem acontecendo, diga como você responderia a uma pergunta assim.

— Eu... eu acho que... não sei.

— Não estou bem, Owen. Mas, se eu disser isso, você vai querer conversar a respeito, e eu não quero.

— Não precisamos falar sobre isso.

— Ótimo.

— Acho que eu só queria que soubesse... que me preocupo com você.

— Então diga.

— Certo. Estou preocupado com você.

— Obrigada. Estou preocupada com você, também. Estou preocupada com Sean. Estou preocupada com todos nós.

— Não precisa se preocupar comigo.

— Não? Atirei uma flecha em seu joelho.

— Não atirou, não. Era minha ancestral. E o seu ancestral.

— E daí? Eu passei pela experiência. Como se tivesse acontecido comigo. Mas não pude mudar. Não tive escolha, e isso quase faz com que seja ainda pior. Você, Sean e os outros acham que o Animus dá liberdade, mas para mim é uma prisão. O passado é uma prisão, onde a gente não tem escolha, e não quero viver ali.

Ela se afastou, e ele a seguiu. Entraram num quente corredor de vidro que se estendia em meio à floresta até chegar a outro prédio. Antes que Owen pudesse pensar em alguma coisa para dizer, os dois entraram na sala comunitária, onde os outros já haviam encontrado um pouco de comida, principalmente sacos de batata frita e barras de granola. A geladeira ainda tinha um bocado de iogurte, leite e suco. Depois de cada um encontrar o que queria, sentaram-se em volta de uma mesa para comer.

— Vocês confiam na Victoria? — perguntou Javier.

Grace tirou a tampa do seu iogurte rosado, de morango.

— Você confia no Griffin?

— Acho que não podemos confiar de verdade em nenhum dos dois — argumentou Owen, abrindo uma barra de granola e partindo um pedaço. Javier tinha passado tempo com os Assassinos, e Grace, com os Templários. Lealdades já haviam começado a se formar, mas não para Owen. — Os dois estão escondendo coisas de nós.

David tirou os óculos e usou a camisa para limpá-los.

— Victoria poderia ter entregado a gente aos Templários, mas não o fez. Griffin poderia ter dado uma de Assassino e matado a gente se quisesse, mas não matou. Só porque eles têm segredos isso não quer dizer que a gente não possa confiar neles.

— Verdade — admitiu Grace.

— Ainda acho que precisamos tomar cuidado com Victoria — observou Javier. — Tentem não contar nada a ela.

— Eu tentei — disse Natalya. Ela não tinha trazido comida para a mesa. Só ficou sentada, olhando para cada um deles. — Tentei não contar a eles nada do que sabia. E Yanmei acabou morta por causa disso.

— Não foi sua culpa. — David recolocou os óculos e encarou Natalya. — Lembra o que Griffin disse? Isso é uma guerra, e Isaiah, o inimigo.

— Na verdade, não é tão fácil para mim simplesmente culpar Isaiah por meus erros — retrucou Natalya.

Javier cruzou os braços e se recostou na cadeira.

— Só estou dizendo que precisamos ser cautelosos com Victoria.

— E eu concordo com você — disse Natalya. — Ainda estou preocupada com o que vai acontecer depois de encontrarmos o terceiro pedaço. Mesmo se pudermos impedir Isaiah, o que acontece depois disso? Templários e Assassinos vão simplesmente voltar a lutar pelo Tridente, e acho que nenhum dos grupos deveria ficar com ele.

— Então o que você quer dizer? — perguntou Grace.

— Não sei. Não sei o que fazer. Por enquanto precisamos salvar Sean. Ou, pelo menos, lhe dar a chance. Depois disso, só espero que a gente consiga bolar alguma coisa.

Alguns minutos depois, Victoria entrou na sala comunitária com Monroe e Griffin.

— A simulação está pronta — avisou ela. — É hora de começar.